

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS - FACC**



HUGO MARIANO DE CARVALHO

**FINANÇAS COMPORTAMENTAIS: O PERFIL DE RISCO DE
INVESTIDOR DE ALUNOS DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DE
UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA FEDERAL**

**RIO DE JANEIRO - RJ
2019**

HUGO MARIANO DE CARVALHO

**FINANÇAS COMPORTAMENTAIS: O PERFIL DE RISCO DE
INVESTIDOR DE ALUNOS DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DE
UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA FEDERAL**

Monografia apresentada como requisito parcial à
obtenção do grau de Bacharel em Administração à
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da
Universidade Federal do Rio de Janeiro
(FACC/UFRJ).

Orientador: Jorge de Lacerda Werneck

**RIO DE JANEIRO - RJ
2019**

HUGO MARIANO DE CARVALHO

**FINANÇAS COMPORTAMENTAIS: O PERFIL DE RISCO DE
INVESTIDOR DE ALUNOS DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DE
UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA FEDERAL**

Monografia apresentada à Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FACC/UFRJ), como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Administração, aprovada pela seguinte banca examinadora:

JORGE DE LACERDA WERNECK – UFRJ (ORIENTADOR)

ALEXIS CAVICHINI TEIXEIRA DE SIQUEIRA – UFRJ (PROFESSOR LEITOR)

Rio de Janeiro, _____

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo minha família, sobretudo meus pais, Homero e Silvia Helena, que lidaram da melhor forma desde o momento de despedida, me dando toda a liberdade e condição possível para que alcançasse tal grau de qualificação acadêmica e profissional à qual me propus quando vim ao Rio de Janeiro. Aos meus irmãos Henrique, Homero e Humberto que, ainda que distantes, sempre me deram todo o apoio e carinho que precisei e que sempre carregarei comigo.

Não poderia deixar de agradecer pelos lugares que morei e pelas várias amizades que foram muito especiais e que contribuíram de alguma forma para o meu desenvolvimento e crescimento enquanto vivi no Rio de Janeiro, não só enquanto estudante, mas também como ser humano. Sob o risco de esquecer alguma amizade ainda que significativa, ousou lembrar destes aqui: Lucas Carames, Pedro Bosch, Carlos Granja, Fabinho (Severino) Rodrigues, Hugo Fragozo e Jun Fujise.

Acrescentando ainda, devido à grande importância e peso que tiveram na minha permanência em um momento pessoal de muita dificuldade vivido no Rio de Janeiro: Caio Azevedo, Leonardo Santos, Pedro Alonso, Gabriel Boa Nova, Renan Soibelman, Matheus Soares e Matheus Amorim.

Um agradecimento em especial a todos os meus professores de finanças que tive contato durante o período de faculdade, que foram em parte responsáveis pelo gosto que desenvolvi na área, sobretudo aos professores que aqui me auxiliaram: Prof. Jorge Werneck e Prof. Alexis Cavichini.

RESUMO

Desde quando o ser humano raciocinou sobre suas atividades de geração e alocação de recursos, a ideia de produção, risco e retorno nos envolvem, de forma a procurar e garantir que os recursos necessários à sobrevivência, e consumo, estarão lá no dia de amanhã. A pesquisa aqui gerada, buscou, por meio de uma abordagem referencial atravessando o Sistema Financeiro Nacional e as principais modalidades de investimentos praticadas no Brasil estabelecer relações de vantagens e desvantagens, ou comodidade e risco. Nessa significância, o presente estudo vem procurar estabelecer e analisar relações comportamentais e educacionais de âmbito financeiro, juntamente às características demográficas, entre os estudantes de graduação em Administração, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em contraste com uma amostra coletada em um curso de especialização em finanças, ministrado pelo Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPEAD), chamado Jovens Profissionais – Formação em Finanças. O estudo abordou tais dados quantitativamente e permitiu, através de uma análise descritiva, estabelecer conclusões sobre os dados de ambas amostras, sobretudo no que diz respeito ao planejamento, à percepção e a atividade já realizada pelos estudantes aqui observados. Ao fim, identificou-se algumas potencialidades e fraquezas de cada amostra, na procura de traçar, para pesquisas futuras, questionamentos e curiosidades sobre os hábitos e a educação financeira.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Aumento do número de investidores pessoa física.....	16
Gráfico 2 - Em qual período está? (Graduação).....	26
Gráfico 3 - Qual a sua idade? (Graduação)	27
Gráfico 4 - Qual a sua idade? (Curso)	27
Gráfico 5 - Qual o seu sexo? (Graduação)	28
Gráfico 6 - Qual o seu sexo? (Curso)	28
Gráfico 7 - Qual a sua formação? (Graduação).....	28
Gráfico 8 - Qual a sua formação? (Curso).....	28
Gráfico 9 - Qual sua ocupação? (Graduação).....	29
Gráfico 10 - Qual sua ocupação? (Curso).....	29
Gráfico 11 - Numa compra de R\$1.000,00, com juros compostos de 10% ao mês, pergunta-se: ao final de 2 meses sua dívida é de: (Graduação)	30
Gráfico 12 - Numa compra de R\$1.000,00, com juros compostos de 10% ao mês, pergunta-se: ao final de 2 meses sua dívida é de: (Curso)	30
Gráfico 13 - Um capital de R\$ 10.000 investido durante um ano, rendeu R\$ 1.000 de juros. A taxa de inflação nesse período foi de 12% ao ano. Podemos afirmar que: (Graduação)	31
Gráfico 14 - Um capital de R\$ 10.000 investido durante um ano, rendeu R\$ 1.000 de juros. A taxa de inflação nesse período foi de 12% ao ano. Podemos afirmar que: (Curso).....	31
Gráfico 15 - Em sua visão, o quão bem você entende sobre a finalidade da taxa SELIC? (Graduação)	31
Gráfico 16 - Em sua visão, o quão bem você entende sobre a finalidade da taxa SELIC? (Curso)	31
Gráfico 17 - Você trabalha ou já trabalhou no Mercado Financeiro (bancos, corretoras, assets)? (Graduação)	32
Gráfico 18 - Você trabalha ou já trabalhou no Mercado Financeiro (bancos, corretoras, assets)? (Curso)	32
Gráfico 19 - Quais investimentos você já realiza? (Graduação)	33
Gráfico 20 - Quais investimentos você já realiza? (Curso)	33
Gráfico 21 - Seus investimentos correspondem a soma de quantos salários? (Graduação)	34
Gráfico 22 - Seus investimentos correspondem a soma de quantos salários? (Curso)	34

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 23 - Em sua visão, qual seu nível de empenho em relação ao planejamento de sua aposentadoria? (Graduação)	35
Gráfico 24 - Em sua visão, qual seu nível de empenho em relação ao planejamento de sua aposentadoria? (Curso)	35
Gráfico 25 - Você possui alguma reserva financeira de emergência? (Graduação)	35
Gráfico 26 - Você possui alguma reserva financeira de emergência? (Curso)	35
Gráfico 27 - Qual o percentual de sua renda mensal está comprometido, todos os meses, com investimentos? (Graduação)	36
Gráfico 28 - Qual o percentual de sua renda mensal está comprometido, todos os meses, com investimentos? (Curso)	36
Gráfico 29 - Você investe se: (Graduação)	37
Gráfico 30 - Você investe se: (Curso)	37
Gráfico 31 - Qual das opções você escolheria para daqui há 30 anos: (Graduação)	37
Gráfico 32 - Qual das opções você escolheria para daqui há 30 anos: (Curso)	37
Gráfico 33 - Sobre quais investimentos gostaria de ter mais conhecimento para começar a investir? (Graduação)	38
Gráfico 34 - Sobre quais investimentos gostaria de ter mais conhecimento para começar a investir? (Curso)	38
Gráfico 35 - Como você avalia seu perfil? (Graduação)	39
Gráfico 36 - Como você avalia seu perfil? (Curso)	39

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Classificação e indicação dos tipos de investimento – continuação	7
Quadro 2 – Relação escolha de produto e perfil do investidor	14

LISTA DE SIGLAS

AAI – Agentes Autônomos de Investimento

ANBIMA – Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais

B3 – BRASIL BOLSA BALCÃO

Bacen – Banco Central do Brasil

BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

CDB – Certificado de Depósito Bancário

CDI – Certificado de Depósito Interfinanceiro

CEF – Caixa Econômica Federal

CMN – Conselho Monetário Nacional

COPPEAD - Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro

CPF – Cadastro de Pessoa Física

CVM – Comissão de Valores Mobiliários

FGC – Fundo Garantidor de Crédito

IOF – Imposto sobre Operações Financeiras

IR – Imposto de Renda

PEA – População Economicamente Ativa

RDB – Recibos de Depósitos Bancários

SBPE – Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo

SPB – Sistema de Pagamentos Brasileiro

SELIC – Sistema Especial de Liquidação e Custódia

SFH – Sistema Financeiro de Habitação

SFN – Sistema Financeiro Nacional

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1. PROBLEMA DE PESQUISA.....	9
1.2. OBJETIVOS.....	9
1.3. JUSTIFICATIVAS	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1. SISTEMA FINANCEIRO NACIONAL	11
2.2. TÍTULOS NEGOCIADOS E RISCOS ASSOCIADOS	14
2.2.1. AÇÕES.....	15
2.2.2. CADERNETA DE POUPANÇA.....	16
2.2.3. CERTIFICADO DE DEPÓSITO BANCÁRIO (CDB) E RECIBO DE DEPÓSITO BANCÁRIO (RDB)...	17
2.2.4. TÍTULOS PÚBLICOS.....	18
2.2.5. FUNDOS DE INVESTIMENTO	18
2.2.6. IMÓVEIS.....	20
2.2.7. PREVIDÊNCIA PRIVADA.....	20
2.2.8. MERCADO CAMBIAL.....	20
2.2.9. MIX DE PRODUTOS.....	21
3. METODOLOGIA	23
3.1. TIPO E DESCRIÇÃO GERAL DA PESQUISA	23
3.2. CARACTERIZAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO, POPULAÇÃO E AMOSTRA	23
3.3. INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	24
3.4. PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS	24
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
4.1. DEMOGRAFIA	27
4.2. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL E TÉCNICA	29
4.3. PLANEJAMENTO FINANCEIRO E PERFIL	34
5. CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS	42

1. INTRODUÇÃO

Desde quando existe a relação de troca, a escolha de poupar torna-se uma opção a qualquer indivíduo que detém um produto, uma vez que, segundo Halfeld (2001, p. 15), “poupar é adiar o consumo presente visando a um consumo maior no futuro”, assim como a escolha em gastar esse recurso de forma que o retorno gerado pelo gasto seja mais proveitoso que a saída de recursos, assim gerando benefícios frente ao dispêndio. De acordo com Reilly e Brown (2003), a escolha de uma entidade física ou organizacional pelo investimento pode ser traduzida através do dever desse corpo em fornecer capital no tempo presente com objetivos claros de rendas futuras, baseado na diferença entre o valor enviado (que podem ser aportes contínuos) e o valor recebido futuro para o investidor, sendo esse o fator de atração ao investimento.

De acordo com Assaf Neto (2012), em diferentes tipos de segmentos a atividade econômica é traduzida em uma troca comercial de fatores de produção e remuneração, sendo mais claras e perceptíveis as relações entre o dispêndio da terra por aluguéis, o trabalho por salários, o capital por juros, investimentos produtivos por lucros e as inovações tecnológicas por *royalties* e direitos de patentes.

Kahneman (2011) afirma que as conclusões precipitadas são arriscadas quando o indivíduo não tem familiaridade com a situação, quando os valores (morais, éticos, sociais, monetários) em jogo são relativamente altos e tais pessoas não têm capacidade ou tempo de reunir informações cruciais para a análise e determinação da escolha correta. O mesmo comportamento se estende ao campo das finanças, investidores pessoa física são prejudicados pelos mesmos motivos quando, tomados pela visão e ambição de altas rentabilidades frente a um mercado desconhecido e tratado como atraente e capaz de enriquecer (falta de conhecimento e informação), passam a fazer escolhas irracionais quanto aos seus investimentos.

Sendo assim, para que a economia tenha sucesso nas suas atividades de emprestar o capital de quem tem disponível a quem dispõe utilizá-lo em troca de juros é preciso que existam agentes envolvidos nesse mercado analisando, mensurando e indicando as oportunidades apropriadas a cada necessidade financeira do investidor.

Segundo BURCH & HENRY (1970) custo de oportunidade é um conceito originado como referente à renda líquida que o indivíduo ou a empresa poderia vir a possuir caso fizesse o melhor uso alternativo de um recurso. Trazendo a conceituação ao cenário de investimentos, encontram-se situações nas quais o capital aplicado geraria maior rentabilidade do que em outras. Por exemplo,

se por falta de informação do emprestador e conexão entre os agentes financeiros, aquele decide emprestar seu dinheiro para alguém que pagaria um juro de 6% ao ano, enquanto no mercado existe uma possibilidade na qual o investidor receberia 9% ao ano. A tarefa do investidor acometido com a melhor aplicação de seus recursos disponíveis é justamente identificar tais oportunidades para que a maximização do capital seja mais eficiente e atenda o interesse do emprestador, ou contratar um agente financeiro que o faça, já tendo o custo de oportunidade – renda líquida - afetado pelas taxas cobradas e praticadas por tais agentes.

Uma vez identificada que as necessidades dos emprestadores de recursos devem guiar suas tomadas de decisão frente às possibilidades de investimento, Assaf Neto (2012) define que é importante se atentar a alguns fatores, como prazo, valor e risco.

De acordo com Assaf Neto, tais fatores devem sempre estar em equilíbrio com as necessidades do cliente (emprestador), de forma que os recursos (valores) sejam aplicados de forma mais eficiente e eficaz (risco), atendendo, sobretudo, a necessidade futura de capital do cliente (prazo) sem expô-lo às situações que lhe causariam dificuldades financeiras frente aos objetivos planejados para o decorrer de sua vida.

Com o propósito de entender melhor tais necessidades, o projeto de monografia aqui apresentado tem como interesse descrever características demográficas e comportamentais de alunos de uma universidade pública frente às modalidades de investimentos praticadas por estes, cujo embasamento teórico se deu pela associação de risco às modalidades.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Quais são as características demográficas e de investimentos dos alunos do curso de Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro no presente momento frente ao crescimento das atividades financeiras de investimento?

1.2. OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Identificar características demográficas e traçar perfis de risco de investidor a partir da amostra coletada de um curso de Administração em uma universidade pública federal.

1.2.2 Objetivos Específicos

Revisar o conceito de investimentos;

Identificar características do Sistema Financeiro Nacional;

Revisar as principais destinações financeiras de investimentos no ambiente nacional;

Identificar os riscos e potencialidades dos produtos financeiros;

Analisar os investimentos realizados pelos alunos a fim de identificar perfis de risco;

Utilizar a estatística descritiva frente à amostra em características populacionais e de perfil de risco.

1.3 JUSTIFICATIVAS

Assaf Neto (2012, p. 147) destaca que “Uma eficiente gestão de risco é essencial para a competitividade dos bancos e estabelecimento de suas estratégias de atuação.”. Estudar características básicas e aprofundadas sobre a demografia e os perfis de risco de tais possíveis agentes financeiros futuros e investidores, para assim entender suas necessidades financeiras e compreensões sobre o mercado.

Ressalta-se a importância da contemporaneidade desse estudo, uma vez que, de acordo com a B3 (2019), em Setembro, a principal bolsa do Brasil já contava com mais de 1.400.000 investidores pessoa física, mostrando uma duplicação do número de investidores no país nos últimos dois anos, revelando uma grande atenção e interesse que a negociação de títulos e valores imobiliários vem atraindo de diversos agentes econômicos (Pessoas físicas, empresas, organizações, administração pública).

O ambiente universitário tratado em questão, foi escolhido por alinhamento técnico das disciplinas abordadas aos assuntos econômicos, mercadológicos e financeiros, além de apresentar uma faixa etária que é beneficiada pelo potencial de tempo de atuação futura nos mercados junto à maturidade pelo tempo já percorrido no ambiente acadêmico (no mínimo, 3 anos – 6º período), se tornam base para uma compreensão desse segmento populacional em termos de características, literacia financeira e perfil de risco.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Assaf Neto (2012), o Sistema Financeiro Nacional (SFN) tem a função fundamental na economia de permitir o fluxo financeiro e monetário entre os tomadores e os poupadores de recursos, nas melhores condições possíveis. Sendo assim, esse é o sistema de maior abrangência econômica dos órgãos financeiros da nação.

A abordagem frente ao SFN se baseará nos seus órgãos e principais funções no que diz respeito aos títulos públicos federais e à regulação frente ao setor privado.

2.1 Sistema Financeiro Nacional

O SFN pode ser subdividido em duas categorias: Órgãos normativos e órgãos operativos. Os órgãos normativos se traduzem em instituições que definem e aplicam as regras para o funcionamento da economia, tanto nas operações financeiras, quanto nas monetárias. Já os órgãos operativos, classificados como integrantes do subsistema de intermediação financeira, são responsáveis pela transferência de recursos entre os diversos agentes de mercado (tomadores e emprestadores) (ASSAF NETO, 2012).

No sistema normativo, destacam-se os órgãos do Conselho Monetário Nacional (CMN), o Banco Central do Brasil (Bacen), a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e as instituições especiais, sendo estas o Banco do Brasil (BB), o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e a Caixa Econômica Federal (CEF), que têm tantos direitos normativos quanto operativos, atuando no mercado financeiro.

Por sua vez, o subsistema operativo conta com as instituições financeiras bancárias (bancos comerciais), instituições financeiras não bancárias (bancos de investimento e desenvolvimento, sociedades e cooperativas de crédito, investimento, financiamento e arrendamento), o Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE), instituições auxiliares (a Bolsa de Valores, as sociedades corretoras e distribuidoras de valores imobiliários e os agentes autônomos de investimentos - AAI) e, por fim, as instituições não financeiras (sociedades de fomento comercial e seguradoras).

Iniciando-se pelo Conselho Monetário Nacional, este é um órgão exclusivamente normativo, cuja função é regular toda a economia através das políticas de moeda e de crédito, isto é, a partir do que já foi falado, o objetivo dessa regulação é a obtenção das condições ideais frente aos interesses econômicos e sociais da nação (ASSAF NETO, 2012).

De acordo com a Secretaria do Conselho Monetário Nacional (2019), a equipe é composta por três membros: Ministro da Economia (presidente do Conselho), o presidente do Banco Central do Brasil e o Secretário Especial de Fazenda do Ministério da Economia. Dentre suas atribuições, destacam-se a definição de diretrizes e política cambial, decisão sobre as taxas de juros praticadas pelas instituições financeiras, regular e legislar a atuação das instituições financeiras, disciplinar a atividade financeira e defender a nação de desequilíbrios e crises econômicas (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2019).

Destacado pelo seu poder de execução, o Bacen atua e fiscaliza em nome das decisões do CMN, de acordo com Assaf Neto (2012, p.43), o Banco Central “é também considerado um executor da política monetária, ao exercer o controle dos meios de pagamento e executar o orçamento monetário e um banco do governo, na gestão da dívida pública interna e externa”.

De acordo com o portal do Governo Brasil, em acesso à informação, o Bacen, como uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Fazenda, tem como objetivos principais: “A formulação, a execução, o acompanhamento e o controle das políticas monetária, cambial, de crédito e de relações financeiras com o exterior; A organização, disciplina e fiscalização do Sistema Financeiro Nacional (SFN) e do Sistema de Consórcio; E a gestão do Sistema de Pagamentos Brasileiro (SPB) e dos serviços do meio circulante”.

Em relação à sua ligação referente aos produtos financeiros, o próprio Bacen pontua-se como responsável por efetuar a compra e venda dos títulos públicos federais do Tesouro Nacional, objetivando o controle monetário e de juros. Além disso, por meio da Casa da Moeda, o Bacen controla a emissão de dinheiro, trazendo assim estabilidade para a moeda e, conseqüentemente, garantindo menores riscos aos títulos públicos, alinhando remunerações de acordo com as expectativas e desejos governamentais, através de incentivos, por meio, principalmente, de isenção do imposto de renda (IR).

Deve-se ressaltar ainda, enquanto discute-se a estrutura do Bacen, a existência do órgão Copom (Comitê de Política Monetária), composto pelo presidente do Banco Central, junto às diretorias: de Relacionamento, Cidadania e Supervisão de Conduta; de Fiscalização; de Política Econômica; de Política Monetária; de Assuntos Internacionais e de Gestão de Riscos Corporativos; de Organização do Sistema Financeiro e de Resolução; de Regulação; de Administração (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2019). Cujo objetivo se suma na busca de definir, através da política

monetária, as diretrizes de crescimento do país por meio da taxa básica de juros, a Selic (ASSAF NETO, 2012).

Uma vez que os títulos públicos são emitidos, vendidos, comprados e regulados pelo próprio governo, através do Bacen e do CMN, de acordo com a B3 Educacional, segmento de educação e instrução aos investidores proposta pela principal bolsa brasileira, a regulação e controle frente ao setor privado fica a cargo da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) que, dentre outras funções, também promove incentivos de transferência de recursos da poupança ao mercado, atua sobre o funcionamento da bolsa de valores e de suas instituições operadoras, além de garantir uma série de direitos ao investidor por meio de exigências à transparência e governança das empresas de capital aberto negociadas em bolsa (ASSAF NETO, 2012). De acordo com Santos (1999, p. 42, apud BARROS; TORRES, 2014), “O órgão possui papel de supervisão da bolsa de valores brasileira”. Por fim, por conta de sua ligação e importância frente ao Sistema Financeiro de Habitação (SFH), a Caixa Econômica Federal (CEF) desempenha um papel crucial de interesse governamental e popular de concessão de créditos voltados ao financiamento da casa própria, sobretudo no segmento de menor renda (ASSAF NETO, 2012).

Ainda sobre a intervenção estatal nos títulos, há que se mencionar, devido à tal importância de regulação sobre a economia nacional toda, a taxa Selic (Sistema Especial de Liquidação e Custódia). A finalidade de tal taxa é, segundo Assaf Neto (2012), controlar e liquidar financeiramente as operações de compra e venda dos títulos públicos federais, além de manter custódia física escritural destes, garantindo a existência do papel e da saúde relativa aos recursos necessários para uma eventual liquidação dos títulos.

Como Oliveira et al (2018) também pontua, a importância da SELIC se dá na regulação da política monetária ao oferecer tal taxa para o mercado como básica, sendo influente como mecanismo de transmissão de crédito, de valor de ativos, de expectativa de inflação, de câmbio e de taxa de juros (estrutura de juros longo prazo), cujo potencial de interferência permeará as esferas da atividade econômica, influenciando a demanda agregada nacional e, por consequência, a inflação, a qual resume o objetivo de análise e atuação do COPOM (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2019).

A taxa Selic é calculada com base na média ponderada das taxas de operações no mercado aberto realizadas entre o Bacen e as instituições financeiras, isto no caso da Selic Efetiva, porém, como Kerr (2011) ressalta, existe ainda a Selic Meta, determinada pelo Copom, a fim de definir parâmetros para a mesa de operações do Bacen.

A taxa é definida em reunião do Copom periodicamente e passa a vigorar até a próxima reunião do comitê, que sempre acontecem em intervalos de 45 dias, a fim de garantir alinhamento mais frequente às necessidades do momento (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2019).

2.2 Títulos Negociados e Riscos Associados

Uma vez que, como mencionado, uma das funções do SFN é incentivar e educar a sociedade sobre as oportunidades econômicas referentes ao fluxo de capital entre os tomadores e poupadores, o Governo Federal Brasileiro, através de seu Portal na Rede, disponibilizou em agosto de 2011 uma guia básica de investimentos.

A guia, publicada sob o editorial de economia e emprego, subseção já extinta no novo Portal (hoje classificada como “Economia e Finanças”), indica o risco envolvido em cada uma das oportunidades para o investidor, além de ressaltar os aspectos positivos e negativos de cada um dos produtos, de forma a conscientizar sobre as potencialidades e riscos envolvidos e minimizar a possibilidade de escolhas irracionais por parte dos agentes (PORTAL BRASIL, 2019).

Segue quadro adaptada com cada um dos produtos financeiros, riscos envolvidos, além das vantagens e desvantagens das operações, junto aos dados de *suitability* estabelecidos pela ANBIMA (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais – 2019). Depois de levantado tais dados, serão descritos aspectos mais específicos de cada produto de acordo com as publicações consultadas e, por fim, será apresentada a segmentação dos perfis de acordo com as aplicações

Quadro 1 – Classificação e indicação dos tipos de investimento

Produto	Classificação de Risco	Vantagens	Desvantagens
Ações	Alto	Maiores rentabilidades, sem restrições de aporte mínimo, possibilidade de diversificação e alto fluxo de informações.	Elevado risco, altas oscilações, custos de corretagem sobre as operações, incidência de taxas e possibilidade de quebras.
Caderneta de Poupança	Baixo	Alta liquidez, ausência de prazo, isenção de IR sob pessoas físicas e baixo risco envolvido.	Alta possibilidade de perda de valor, uma vez que as taxas apresentadas costumam se apresentar menores do que a inflação.

CDBs e RDBs	Baixo	Taxas e riscos negociáveis de acordo com a solidez da instituição financeira.	Incidência de IOF e IR sobre as operações e impossibilidade de negociar papéis de RDB antes do prazo final.
Títulos Públicos	Baixo	Maior rentabilidade entre as opções de baixo risco, facilidade de aplicação por meio do CPF e liquidez garantida pelo Tesouro Nacional.	Tributação de IR e IOF (dependendo da operação e prazo) e possibilidade de perdas se a aplicação for resgatada precocemente.
Fundos de Investimento	Alto	Rentabilidade elevada, possibilidade de diversificação e pouca exigência frente à estudos por parte do investidor.	Falta de autonomia nas decisões, alta cobrança de taxas (administrativas e tributos), além do alto risco envolvido.
Imóveis	Baixo	Pouca ou nenhuma desvalorização, contratos longos e seguros, além da possibilidade de reinvestir na propriedade.	Baixa liquidez, alta exigência de capital, custos tributários (IPTU e, se for o caso, condomínio), além da possibilidade de inadimplência do inquilino.
Previdência Privada	Baixo	Passível de dedução no IR, possibilidade de resgate antes do prazo final e migração de plano.	Tributação sobre o total investido em um dos planos e cobrança de taxas administrativas.
Mercado de Câmbio	Alto	Possibilidade de altos rendimentos em curto prazo.	Conhecimento técnico profundo, alto risco por conta da flutuação cambial e incidência de IOF e IR.

Fonte: Adaptado de PORTAL BRASIL (2011) e ANBIMA (2019)

Após uma descrição superficial, agora as modalidades serão descritas com mais detalhes e referências fundamentais, permitindo uma visão mais ampla e técnica dos produtos que aqui são relacionados aos perfis observados na pesquisa.

2.2.1 Ações

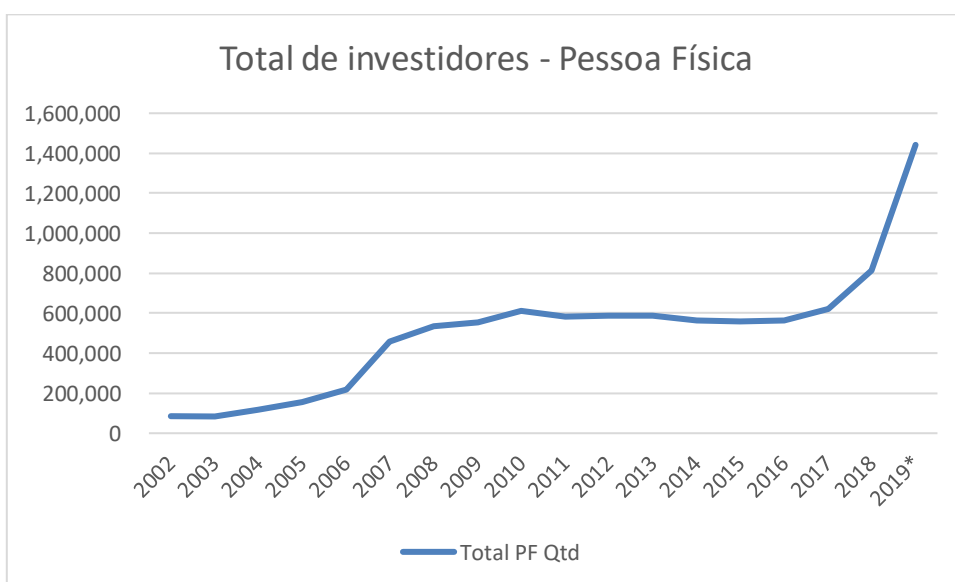
Como mencionado, de acordo com as definições do SFN, a categoria de investimentos em ações é regulada por meio da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), a fim de garantir a segurança para o investidor por meio das exigências de mercado e transparência de informação sobre as empresas de capital aberto, negociadas na Bolsa de Valores (instituição auxiliar).

De acordo com Halfeld (2001, p. 101), a CVM é a “Autarquia Federal que disciplina e fiscaliza o mercado de valores mobiliários”. Ainda, segundo o mesmo autor, a aplicação em ações é altamente arriscada, uma vez que o investidor está baseando-se em especulação, isto é, os emprestadores não têm condições de afirmar com certeza alguma se o papel negociado (ação) virá a apresentar ganhos,

uma vez que a competição é forte e as previsões das condições mercadológicas futuras são instáveis, devido à falta de controle e antecipação sobre aspectos cruciais como a inflação, mercado cambial, crises de fornecimento, entre outros.

A importância do presente estudo se intensifica mediante os dados apresentados pela Brasil Bolsa Balcão (B3 - 2019) sobre o aumento substancial dos investidores pessoa física no país. Segue gráfico adaptado do relatório mensal institucional, de setembro de 2019, indicando o crescimento até o momento, desde 2002. De acordo com a organização, atualmente, conta-se com 1.441.874 investidores.

Gráfico 1 – Aumento do número de investidores pessoa física.



Fonte: Adaptado de relatório da BRASIL BOLSA BALCÃO (2019). *set/19

Vale ressaltar que, de acordo com a própria B3, o quadro acima pode contar com variação de investidores únicos, uma vez que um mesmo investidor, sob o mesmo Cadastro de Pessoa Física (CPF), pode ser representado mais de uma vez por ter mais que uma conta em diferentes agências de custódia.

2.2.2 Caderneta de Poupança

Segundo as normas estabelecidas pelo CMN, quando a taxa Selic estiver sob o patamar de 8,5% a.a., a remuneração da caderneta de poupança é reduzida, sendo representada em uma equação pela taxa referencial (calculada a partir das transferências diárias interfinanceiras) e 70% da taxa Selic, tornando a modalidade ainda menos atrativa.

Recurso ainda muito aproveitado no Brasil, a poupança vem ganhando atratividade frente à rentabilidade de outras modalidades com a queda da taxa Selic (atualmente, 5,5% a.a. – BANCO CENTRAL DO BRASIL), uma vez que tal recurso, ainda que afetado negativamente pela taxa básica estar inferior aos 8,5% a.a., ganha isenção fiscal do governo. Assim, sua rentabilidade, sob taxas pequenas e comparadas aos fundos em geral, sofre menos com a receita federal. Tal modalidade é classificada por Assaf Neto (2012) como modalidade de investimento mais tradicional.

Uma vez que essa modalidade tem base muito conservadora, de baixo risco, suas remunerações são proporcionalmente baixas, sendo que, algumas vezes, de acordo com os dados de inflação e rendimento da poupança (providos nos relatórios diários do BACEN), a remuneração da poupança chega a ser menor que a taxa de inflação, fazendo com que o montante aplicado desvalorize em decorrência do tempo (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2019). Segundo dados do Bacen, um exemplo factual dessa situação foi vivido no primeiro quadrimestre de 2010, quando o principal índice de inflação observada, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), foi superior ao índice de rentabilidade da poupança: 2,65% e 2,10%, respectivamente.

2.2.3 Certificado de Depósito Bancário (CDB) e Recibo de Depósito Bancário (RDB)

Os títulos referentes às transações entre as instituições financeiras, de acesso ao investidor pessoa física, estão representados pelas modalidades do CDB e do RDB. De acordo com Assaf Neto (2012), tal modalidade representa o financiamento de capital de giro para as instituições financeiras.

Conforme explicado pelo Portal Brasil (2019), uma vez que tais títulos são dívidas contraídas das instituições para com clientes, é de suma importância que, antes de realizar o aporte, o investidor se conscientize acerca dos riscos de inadimplência por parte da instituição. De acordo com Reilly e Brown (2003 apud BARROS, TORRES, 2014), um dos riscos inerentes às operações é o risco de crédito, referenciado muitas vezes pela modalidade do CDB e RDB.

De acordo com o CMN, a fim de garantir parte da segurança da liquidez e evitar crises futuras, foi autorizada a “constituição de entidade privada, sem fins lucrativos, destinada a administrar mecanismos de proteção a titulares de créditos contra instituições financeiras”.

Com isso, surgiu o Fundo Garantidor de Crédito (FGC), isso fez, em suma, que algumas modalidades, na prática, incluindo o CDB e o RDB, o investidor tivesse ressarcimento de até R\$

250.000,00 por conta/pessoa física, até em quatro agências de custódia, isto é, gerando uma proteção de, no máximo, R\$ 1.000.000 na grave situação de falência do banco devedor do CDB ou do RDB. Dessa forma, trazendo maior estabilidade e garantia ao credor pessoa física.

2.2.4 Títulos Públicos

Os títulos emitidos pelo Banco Central, como citado a partir do propósito do COPOM, são tratados de forma a regular a liquidez perante a necessidade de se vender (contração monetária) ou recomprar (expansão monetária) os ativos por parte do Bacen, garantindo a saúde financeira do país e abrindo possibilidades de caixa aos municípios, estados e federação.

Sendo assim, o governo só tem interesse na negociação de novos títulos sob uma eventual necessidade de capital ou controle sobre as atividades de poupar e gastar, equilibrando assim as atividades entre os emprestadores e tomadores, além do controle sobre a política monetária e crediária através da taxa básica (OLIVEIRA et al, 2018).

Vale ressaltar que o BACEN, desde 2000, através da Lei de Responsabilidade Fiscal emitida pelo Conselho Monetário Nacional, não pode emitir títulos de dívida pública, sendo esses agora negociados através da emissão de títulos do tesouro nacional.

“Os títulos públicos são emitidos e garantidos pelo Governo Federal, Estadual e Municipal e têm por finalidade financiar a dívida pública, antecipar as receitas, ou serem utilizados como instrumento de política monetária” (ASSAF NETO, 2012, p 66).

Uma vez que os títulos são garantidos pelo próprio governo, isto é, o emissor de dinheiro (através do BACEN – Casa da Moeda), a aplicação aos títulos públicos é classificada como uma modalidade que apresenta um risco baixo, ainda que existente a possibilidade de *default* (calote) por parte do governo, mesmo que, historicamente, o Brasil nunca tenha o feito frente à dívida interna.

2.2.5 Fundos de Investimento

Como Halfeld (2001) afirma, muitas pessoas com poucos recursos de capitais procuram outras formas de obter renda, sendo a maioria por meio de trabalhos e funções extras, tais como segurança, garçom, entregador ou outros similares. Uma vez que tais pessoas se ocupam, a importante função de conhecer o mercado para aplicar racionalmente nos produtos financeiros é deixada de lado, já que o investidor não tem tempo de analisar e conhecer todas as oportunidades.

Atuando sobre essa necessidade, de acordo com a B3, os fundos de investimento apresentam em si uma forma de guiar investimentos de pessoa física de forma conjunta, apresentando, por meio da soma das aplicações de seus contribuintes, uma vantagem maior para negociar o capital, decorrente do alto valor. Assaf Neto (2012) ainda afirma que tais fundos procuram a máxima profissionalização da administração da instituição, procurando sempre o desenvolvimento das técnicas de análise e acesso às mais variadas e importantes fontes de informações.

Dentre outras vantagens ainda não citadas pelos fundos de investimento, deve-se destacar sua acessibilidade aos diferentes mercados (por conta dos altos valores, os fundos acabam por ter acessos e taxas mais atrativas), grande parte oferece liquidez imediata e o custo de movimentação de suas aplicações é diluído entre os contribuintes do fundo, resultando em menores custos operacionais (ASSAF NETO, 2012).

Além disso, os fundos podem buscar a diversificação de suas aplicações ao investir em títulos públicos, CDB, cambio, ações de forma ponderada em busca de minimizar o risco simultaneamente ao equilíbrio dos retornos atrativos para os cotistas do fundo (LUQUET, 2000). Além disso, os fundos de investimento devem emitir relatórios e sempre informar sobre as decisões de que em quais ativos está sendo realizado o aporte (ASSAF NETO, 2012), podendo ser exclusivamente à cada uma das modalidades aqui citadas.

Halfeld (2001, p. 48) destaca que “investir em ações implica acompanhar, à distância, a evolução das companhias”. Uma vez que tais investidores não conseguem acompanhar e alocam seu capital sob a decisão de um analista, ou de um corpo de analistas, tal relação exige de tais agentes certo grau de confiança, dado que o analista está aplicando um montante que não o pertence, em escolhas que talvez o emprestador não concorde e possa realizar o resgate de suas cotas, descapitalizando o fundo em questão, a qualquer momento, dada as condições pré-estabelecidas de liquidação da cota. Como se tal exposição do emprestador não fosse suficiente, as aplicações em fundo não são cobertas pelo FGC, pois, de acordo com o Banco Central do Brasil, não pode se confundir patrimônio sob bancos com patrimônio sob fundos, nos quais o cotista tem sua representação, ou seja, em casos de quebra ou falência, o cotista terá perdido todo seu capital investido, fazendo dessa modalidade uma aplicação de alto risco.

2.2.6 Imóveis

Halfeld (2001) defende que imóveis são bens de baixa liquidez (sendo imóveis urbanos mais líquidos que rurais) e ainda que podem ser adquiridos com parcimônia, isto é, quando o indivíduo opta pelo simples ato de poupar, nesse caso, atrelando seu montante disponível ao valor da propriedade. Tal ato se justifica muitas vezes por conta da inexistência, na maioria dos casos, da depreciação do valor do imóvel. Halfeld (2001, p. 102) define depreciação como “desvalorização de um bem em função do uso e da obsolescência”.

Por outro lado, como mencionado, a propriedade, se não transformada em fonte de renda, se apresentará como uma saída de caixa através das tributações e gastos de manutenção, como IPTU, condomínio e outras taxas de funcionamento devidamente estabelecidas contratualmente. Além de tais ameaças à saúde financeira, se a relação contratual entre o locador e o locatário não for bem gerenciada, o dono da propriedade ainda poderá se lesar seja por inadimplência ou alguma brecha contratual.

2.2.7 Previdência Privada

Halfeld (2001) defendia já há quase 20 anos a necessidade de se investir na previdência privada, de acordo com o autor, assim como o plano de saúde passou a ser um item obrigatório no orçamento das famílias de classe média, a previdência privada será cada vez mais procurada, uma vez que as dificuldades enfrentadas pela previdência social, através do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), estão fazendo com que o teto de aposentadoria se reduza e se revele como uma modalidade nada atraente de investimento.

Uma vez que a previdência privada é uma das modalidades mais atraentes à longo prazo, em termos de risco, é essencial para o empregador se conscientizar acerca dos planos de contribuição e as formas de recebimento dos benefícios em momento posterior (ASSAF NETO, 2012). Dado o fato de que os benefícios podem vir a ser a única fonte de renda do contribuinte e é a principal oferta de tais sociedades, é essencial uma gestão excelente de sua carteira de recursos a fim de garantir os futuros benefícios aos colaboradores.

2.2.8 Mercado Cambial

Segundo Assaf Neto (2012, p. 81), “o mercado cambial inclui as operações de conversão (troca) de moeda de um país pela de outro, determinada principalmente pela necessidade da prática de

comércio internacional”. Em uma escala tão grande de análise, sendo essa internacional, a prática do investimento no câmbio é muito arriscada para o investidor uma vez que, segundo o autor, são muitos fatores que atuam constantemente sobre as flutuações cambiais, sendo principalmente o nível das reservas monetárias, a liquidez econômica, taxa de inflação doméstica relativa à mundial, política interna de juros e resultado do balanço de pagamentos.

Dada a exigências técnicas e o alto volume informacional para as análises de risco sobre os investimentos no mercado cambial, essa modalidade de aplicação apresenta um grave risco para investidores pouco instruídos e informados, expondo-os às flutuações cambiais e, sendo assim, em risco de perder grande parcela do capital investido em curto prazo.

2.2.9 Mix de produtos (Riscos variados)

Seguindo as conclusões da publicação do trabalho de Markowitz (1952), sobre a diversificação de ativos em carteira, estabelece-se uma potencialidade estatística para a redução do risco atrelado às ações cuja correlação indica diferença em seus comportamentos (KERR, 2011). Isso faz com que o investidor consiga aplicar em produtos, cujo retorno seja atraente mediante sua sujeição ao risco não sistêmico, minimizando o risco das variações através de uma escolha de carteira cujos ativos se comportam de maneiras opostas, ainda que todos em direção à valorização (composição da carteira).

Além da possibilidade de combinar produtos no setor de alto risco, o mix de carteira ainda sustenta a possibilidade de investir não só no setor privado, mas também sugere a minimização do risco por meio de aportes aos títulos públicos, aos CDBs e a outros investimentos mais seguros.

Sendo assim, classificando os produtos escolhidos e atrelando o risco à cada modalidade, obtém-se o seguinte panorama sobre as escolhas.

Quadro 2 – Relação escolha de produto e perfil do investidor.

Risco da modalidade/ Perfil	Produtos
Alto risco / Agressivo	Mercado Cambial
	Ações
	Fundos de Investimento (Ações e Cambial)
Médio risco / Moderado	Fundos de Investimento (Mix)
	Mix de Produtos

Baixo risco / Conservador	CDBs e RDBs
	Fundos de Investimento (CDBs e Tesouro)
	Previdência Privada
	Imóveis
	Títulos Públicos
	Caderneta de Poupança

Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com Halfeld (2001), jovens têm maior potencial a apresentar o perfil de risco agressivo, mais suscetível às variações, pois têm um maior horizonte para se formar o capital, favorecendo-o no longo prazo, frente às crises e flutuações. Sendo assim, espera-se encontrar, mediante a aplicação do questionário aos alunos, muitos alunos que apresentem um perfil agressivo de acordo com tais escolhas de modalidades para a aplicação.

3. METODOLOGIA

3.1. Tipo e descrição geral da pesquisa

A presente pesquisa realizada é classificada como descritiva. De acordo com Gil (2002 – p. 42), “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população”. A fim de analisar a população alvo do estudo e atingir os objetivos almejados através de um instrumento pré-determinado que permite a geração de dados estatísticos, foi realizada uma pesquisa de abordagem quantitativa (CRESSWELL, 2007).

Como essa pesquisa busca tais dados da população, opta-se pela abordagem quantitativa, através de um levantamento - *survey*, em busca de um número mais volumoso de respostas, portanto, uma representação mais fiel da população a ser estudada.

Os levantamentos, segundo Gil (2002), podem ser extremamente úteis, uma vez que apresentam informações gerais acerca da população, sendo indispensáveis em grande parte das investigações sociais.

A coleta dos dados se deu através do método *cross-sectional* (corte transversal), refletindo o segundo semestre de 2019, sendo assim, de acordo com Sampieri et al. (1991 apud FREITAS et al., 2000), a coleta aconteceu em um momento único no tempo, em busca de relatar e analisar a situação de uma ou mais variáveis em tempo específico.

3.2. Caracterização da organização, população e amostra

O presente projeto foi aplicado por meio de um questionário aos alunos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, devido ao fato de ser uma das principais instituições de ensino do país e da região. Focou-se no curso de Administração, de período integral, por grau de afinidade da grade do curso frente às disciplinas financeiras, econômicas e contábeis, uma vez que, segundo Halfeld (2001), a educação é um fator de alta importância nas decisões referentes aos investimentos e controle financeiro.

Além disso, optou-se por um nível maior de maturidade do aluno frente ao ambiente acadêmico e escolar, sendo assim, focou-se em estudantes a partir do 6º período (necessariamente 3 anos em ambiente acadêmico e universitário).

Em confronto à tal amostra mencionada anteriormente, a fim de validar o ponto de Halfeld (2001), sobre literacia financeira influenciando as práticas financeiras, a pesquisa também foi aplicada em um ambiente mais avançado tecnicamente em termos de finanças, sendo este um curso

de especialização em finanças, ministrado pelo Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPEAD), chamado Jovens Profissionais – Formação em Finanças.

Espera-se que a capacidade técnica de tal amostra seja superior do que a encontrada na graduação, uma vez que a referência é uma especialização, focada em alunos prestes a se formar na graduação, recém-formados ou profissionais mais jovens que desejam uma apropriação de conhecimento financeiro mais ampla.

Ainda que seja menos desejável uma amostra de não probabilidade, ressaltado por Babbie (1990), a presente amostra apresenta tal restrição uma vez que a disponibilidade e a conveniência do respondente foram fatores significativo para a contribuição junto à pesquisa.

3.3. Instrumento de pesquisa

Segundo Gil (2002), a escolha pelo instrumento do questionário se dá pela facilidade na obtenção de respostas, na quantificação e tabulação dos dados, além de garantir a anonimidade dos contribuintes e garantir maior privacidade e tempo às respostas, uma vez que não há necessidade de aplicação pessoal do questionário. O questionário foi elaborado envolvendo 21 perguntas fechadas de múltipla escolha sobre características demográficas básicas de cada entrevistado (sexo, idade, formação acadêmica), além de perguntas sobre as escolhas e entendimento de investimentos de cada entrevistado (interesse em trabalhar no mercado financeiro, percentual da renda mensal investida, escolhas de investimentos) e informações sobre sua situação acadêmica, a fim de garantir alinhamento à amostra, sendo essa exclusivamente à população de graduados.

3.4. Procedimentos de coleta e análise dos dados

A aplicação será feita por meio do *Google Forms* para que todos os estudantes que têm acesso a internet (disponibilizada gratuitamente dentro do campus) possam responder ao questionário. Em termos de procedimento, a forma de coleta foram questionários auto administrados (FINK, 1995) e a coleta envolveu a criação de um questionário cuja ministração se deu on-line, como defende Nesbary (2000), justificado pela comodidade do respondente com perguntas de teor financeiro, alta transmissão do meio virtual, contato entre os alunos tanto em redes sociais, quanto grupos de estudos, além do custo zero e a conveniência para a extração de dados quantitativos.

Ressalta-se a facilidade deste meio de coleta para o procedimento de análise dos dados através da sua transferência completa por meio do *Google Drive* e *Microsoft Excel* (OLIVEIRA, 2005, apud BARROS; TORRES, 2014), que os traduziram de forma a facilitar a análise e interpretação dos resultados estatísticos descritivos de forma à atender aos objetivos de descrição das características demográficas e dos perfis de investimentos apresentados pelo corpo discente, como sugerido por Gil (2002) para as pesquisas descritivas. Os resultados foram interpretados, abordados e apresentados em formas de tabelas e gráficos, a fim de entender tais composições.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

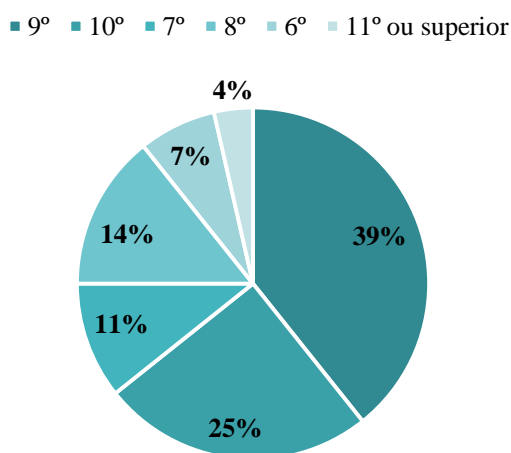
Em busca da compreensão representativa da amostra, buscou-se a representação percentual de cada variável em relação às amostras coletadas, tanto entre os alunos de graduação, quanto aos alunos de especialização em finanças, assim discutindo os dados e traçando padrões estatísticos descritivos sobre a coleta e cada pergunta.

A fim de traçar uma linha de separação entre cada pergunta do questionário e os respectivos dados obtidos, facilitando a compreensão e a análise, procurou-se segmentar a apresentação dos dados entre três seguintes categorias: Demografia; Experiência profissional e técnica; E, por fim, planejamento e perfil.

Ressalta-se ainda que, além de indicar no título de cada gráfico a população de referência (graduação e curso), a fim de facilitar a compreensão e acelerar a leitura dos gráficos, os dados em tons turquesa referem-se aos alunos de graduação em Administração pela UFRJ, enquanto os dados apresentados em tons de azul referem-se aos estudantes do curso de especialização em finanças, ministrado pela COPPEAD.

Contudo, uma vez que a população trabalhada em relação à faculdade conta com uma variável a mais, sobre o período em curso pelo respondente, procura-se ressaltar tal variável que, neste caso, mostra uma presença alta de estudantes em final de graduação, com ampla vivência acadêmica, como indica o gráfico a seguir.

Gráfico 2 - Em qual período está? (Graduação)



Fonte: elaborado pelo autor.

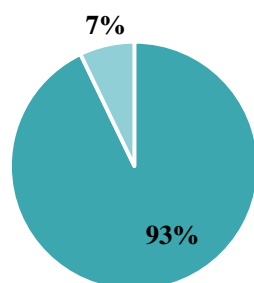
Ressalta-se que o curso de administração, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, tem um cronograma de conclusão para 9 períodos, sendo ainda plausível a prorrogação para 10, em casos de uso de dois semestres para monografia, como permitido pela instituição. De qualquer forma, os dados obtidos evidenciam uma amostra com maior exposição às matérias do curso e, conseqüentemente, às mais específicas envolvendo finanças.

4.1. Demografia

Uma vez que a população alvo do estudo eram estudantes, a expectativa prévia seria de uma estrutura etária de base e, de acordo com as expectativas, ambos gráficos, tanto do curso de especialização, quanto da graduação foram bem similares e representativos, nesse sentido.

Gráfico 3 - Qual a sua idade? (Graduação)

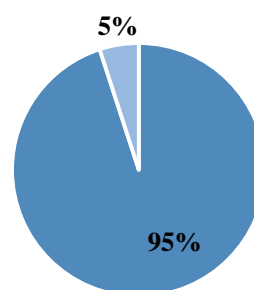
■ De 20 a 30 anos ■ De 30 a 45 anos



Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 4 - Qual a sua idade? (Curso)

■ De 20 a 30 anos ■ De 30 a 45 anos



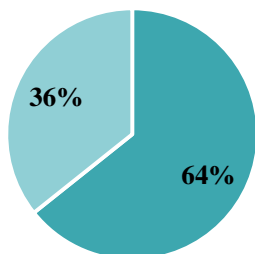
Fonte: elaborado pelo autor.

Dado que a estrutura etária apresenta uma faixa muito baixa, majoritariamente entre 20 e 30 anos, é razoável dizer que ambas amostras estão no início da vida enquanto população economicamente ativa (PEA), sendo que tais agentes financeiros que atuarão por muito tempo e, dado o momento de reformas legislativas na previdência, se torna essencial a elaboração e o desenvolvimento destes em relação ao ato de poupar, garantindo o consumo e as necessidades futuras, como o próprio ato sugere.

Em relação ao sexo do respondente, pesquisas anteriores e realizadas em outras instituições sugeriram uma maior presença do sexo masculino em meio a tais atividades.

Gráfico 5 - Qual o seu sexo? (Graduação)

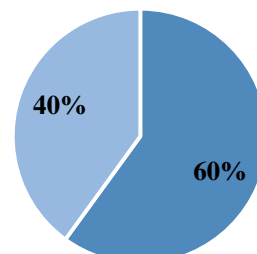
■ Masculino ■ Feminino



Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 6 - Qual o seu sexo? (Curso)

■ Masculino ■ Feminino

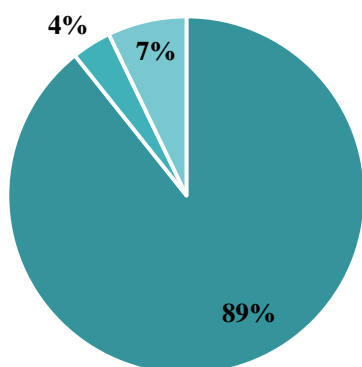


Fonte: elaborado pelo autor.

Assim como em outros estudos, em ambas amostras coletadas, a presença do sexo masculino se fez maior. Como INEP (2012, apud Torres e Barros, 2014) aponta, a administração é efeito a principal escolha de graduação para o sexo masculino, enquanto é a segunda escolha preferencial do sexo feminino. Em relação ao curso, a presença se fez maior também por razões aqui não comprovadas.

Gráfico 7 - Qual a sua formação? (Graduação)

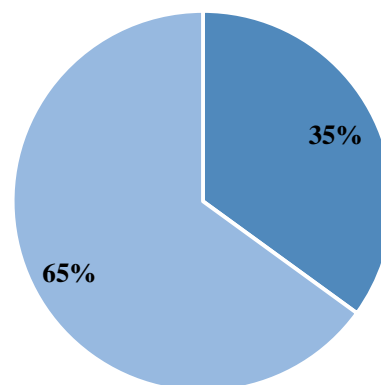
■ Ensino Superior Incompleto
■ Pós graduado(a) (Pós, MBA, Mestrado e/ou Doutorado)
■ Ensino Superior Completo



Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 8 - Qual a sua formação? (Curso)

■ Ensino Superior Incompleto
■ Ensino Superior Completo



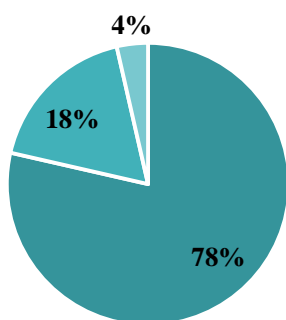
Fonte: elaborado pelo autor.

Quanto à formação evidenciada nas amostras, já era esperada a situação de formação em curso meio aos estudantes da graduação, como a própria situação sugeriria, porém, em relação ao curso

de especialização, notou-se uma expressiva e majoritária presença de estudantes já graduados, em busca de alguma melhoria quanto à especialidade financeira, exclusivamente. Denotando assim e sendo razoável dizer que o interesse destes à temática financeira os colocou naquele ambiente, diferentemente da graduação, que estabelece um contato com finanças, porém, ao mesmo tempo, com outras áreas de conhecimento. Adicionalmente, no meio acadêmico, a amostra indicou uma presença de formados também, além de já pós-graduados.

Gráfico 9 - Qual sua ocupação? (Graduação)

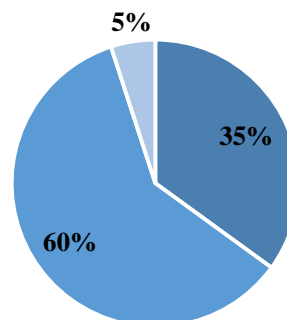
- Estudante e/ou estagiário
- Possui emprego formal
- Possui emprego informal



Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 10 - Qual sua ocupação? (Curso)

- Estudante e/ou estagiário
- Possui emprego formal
- Desempregado



Fonte: elaborado pelo autor.

Da mesma forma que, em relação à formação esperávamos encontrar uma representação de ensino superior incompleto, em relação à ocupação, já era evidente encontrar, em graduação, sujeitos ocupados com estudo e/ou estágio. Contudo, novamente, em relação ao curso de especialização, nota-se uma presença da maioria enquanto empregados formalmente, assim como a existência de desempregados, os quais, em termos de renda, se assemelham aos estudantes que não estagiam. Tal situação deve-se tornar um foco de atenção, uma vez que, como descrito no referencial teórico, o trabalho é uma fonte de renda, sendo essa influenciadora direta sobre a capacidade ou não de poupar e investir recursos.

4.2. Experiência profissional e técnica

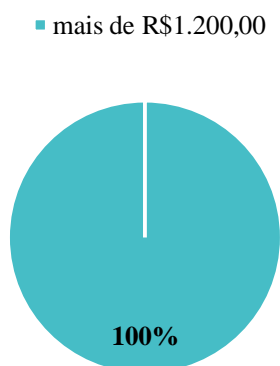
Partindo para o campo de experiência, conhecimento e técnicas dos respondentes, procurou-se mensurar o nível de conhecimento básico de matemática financeira das amostras, em relação,

especificamente, à taxa básica de juros (SELIC), a inflação, a taxa de rentabilidade de aplicações e a taxa real de retorno.

Além dessa mensuração, em tal campo, buscou-se também indicar experiências profissionais na área de mercado financeiro por ambos segmentos, contando também com informações acerca da atividade e escolhas financeiras atuais sobre as modalidades já investidas.

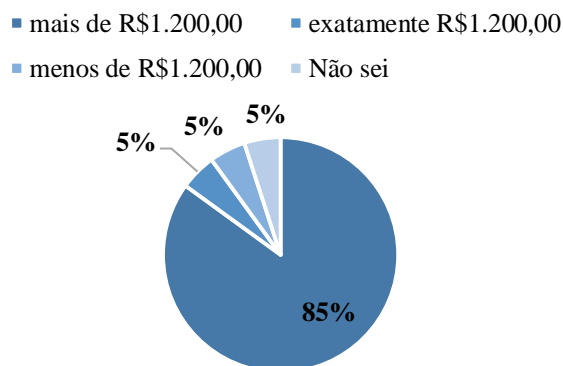
Como indicado no referencial, Halfeld (2001) mostra uma alta influência do conhecimento financeiro sobre as atividades financeiras. É justamente nessa predisposição que buscou-se definir e analisar tais dados aqui indicados.

Gráfico 11 - Numa compra de R\$1.000,00, com juros compostos de 10% ao mês, pergunta-se: ao final de 2 meses sua dívida é de: (Graduação)



Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 12 - Numa compra de R\$1.000,00, com juros compostos de 10% ao mês, pergunta-se: ao final de 2 meses sua dívida é de: (Curso)



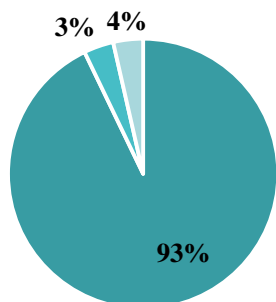
Fonte: elaborado pelo autor.

Espantosamente, diferente do que se esperava de um curso de especialização, onde subentende-se que o especialista sabe o básico, o número de respondentes que erraram a pergunta neste meio foi maior do que no meio acadêmico, de graduação. Ainda que a graduação contasse com uma amostra de maior volume, obteve um total de 100% de respostas corretas, indicando de fato uma capacidade técnica e analítica por parte da amostra populacional no que diz respeito às capacidades mínimas de cálculo de rentabilidade.

Uma vez que as noções de rentabilidade real partem dos juros ponderados à inflação, tal habilidade foi igualmente testada nos respondentes pelo questionário.

Gráfico 13 - Um capital de R\$ 10.000 investido durante um ano, rendeu R\$ 1.000 de juros. A taxa de inflação nesse período foi de 12% ao ano. Podemos afirmar que: (Graduação)

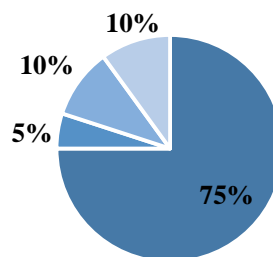
- Foi um mau investimento, havendo perdas
- Não sei
- Foi um bom investimento, havendo ganho real



Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 14 - Um capital de R\$ 10.000 investido durante um ano, rendeu R\$ 1.000 de juros. A taxa de inflação nesse período foi de 12% ao ano. Podemos afirmar que: (Curso)

- Foi um mau investimento, havendo perdas
- Não sei
- Foi um investimento nulo, pois não houve ganho nem perda real
- Foi um bom investimento, havendo ganho real

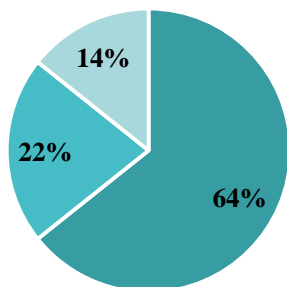


Fonte: elaborado pelo autor.

De forma similar ao primeiro teste, o segundo envolvia cálculos sobre o valor real de rentabilidade, ou seja, o retorno efetivo descontado pela desvalorização da moeda (inflação). Assim como frente aos resultados anteriores notou-se uma descompensação do curso, nesse levantamento a observação foi a mesma. A graduação obteve uma grau mais acentuado de acertos, enquanto no curso de especialização houve divergências entre todas as opções restantes, igualmente erradas.

Gráfico 15 - Em sua visão, o quão bem você entende sobre a finalidade da taxa SELIC? (Graduação)

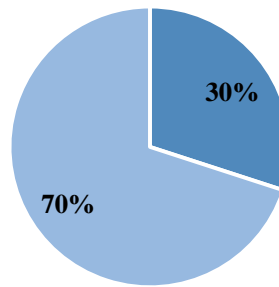
- Parcialmente
- Totalmente
- Pouco



Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 16 - Em sua visão, o quão bem você entende sobre a finalidade da taxa SELIC? (Curso)

- Parcialmente
- Totalmente

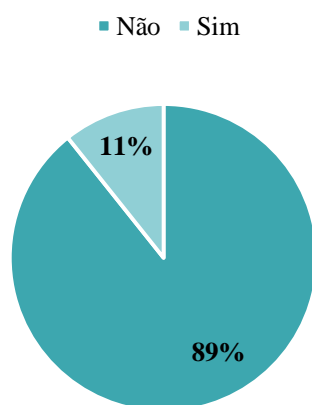


Fonte: elaborado pelo autor.

Em relação aos conhecimentos da taxa SELIC, devido às diversas complexidades envolvendo sua função, restrição, meios de transmissão e outros fatores, optou-se pela representação dessa forma, sob a ótica do próprio respondente.

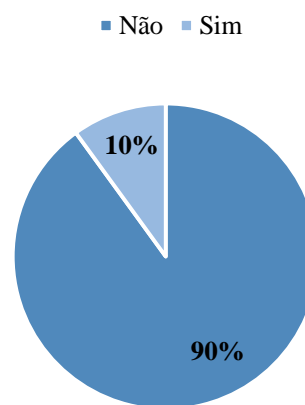
De forma acentuada, a maioria na amostra obtida no curso se deu como totalmente entendedores da SELIC, sendo, como citado anteriormente, uma das taxas mais significativas, se não a de maior importância no mercado financeiro. Em outra vertente, na graduação, depara-se com uma estrutura mais voltada ao reconhecimento de apenas parte de seu funcionamento, juntamente a respondentes que sabiam pouco sobre as características de tal taxa, enquanto essa categoria não existe perante os estudantes do curso.

Gráfico 17 - Você trabalha ou já trabalhou no Mercado Financeiro (bancos, corretoras, assets)? (Graduação)



Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 18 - Você trabalha ou já trabalhou no Mercado Financeiro (bancos, corretoras, assets)? (Curso)

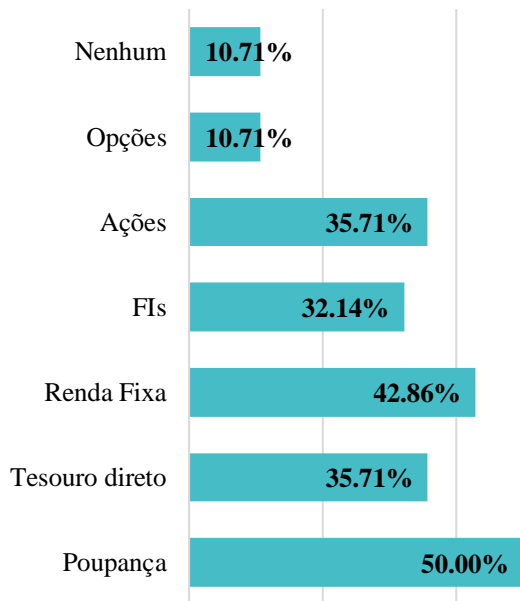


Fonte: elaborado pelo autor.

No que diz respeito à experiência prévia dos respondentes em atividades do setor do mercado financeiro, ambas amostras se mostraram muito similares, ou seja, tanto na graduação, quanto no curso de especialização, as pessoas ainda não tiveram contato profissional com as práticas corporativas do dia a dia no mercado financeiro.

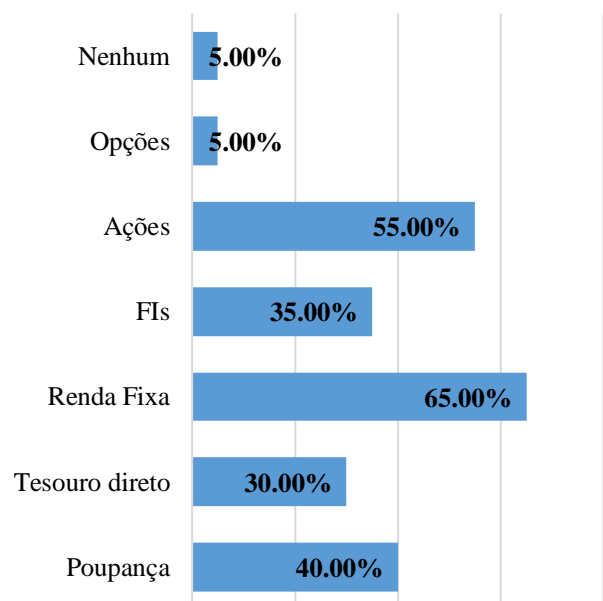
Tal levantamento revela que ainda existe uma mão de obra inexplorada nesse sentido, sobretudo nos quais se mostram dispostos a percorrer o caminho de especialização no setor. No entanto, reitera-se que estamos nos referindo a pessoas novas, inexperientes, em formação ou recém-formadas que, de alguma forma, se interessam nesse mercado.

Gráfico 19 - Quais investimentos você já realiza? (Graduação)



Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 20 - Quais investimentos você já realiza? (Curso)



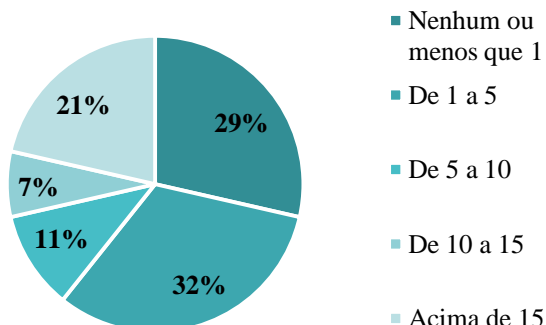
Fonte: elaborado pelo autor.

Assim como a experiência no dia a dia do setor há de ser um diferencial na experiência do respondente, a prática até então por parte de cada um nas modalidades citadas já é por si uma experiência na negociação de títulos e créditos, do mercado financeiro, em forma de ações, papéis de crédito, cotas, etc.

O levantamento pode ser o de maior importância, pois já retrata parte real da atividade financeira de cada respondente enquanto investidor. De acordo com os dados obtidos, é de enorme expressividade como os alunos do curso de especialização apresentam uma propensão maior às ações, à renda fixa e aos fundos de investimento. Enquanto na graduação existe um apelo de maior representatividade à poupança e ao tesouro direto.

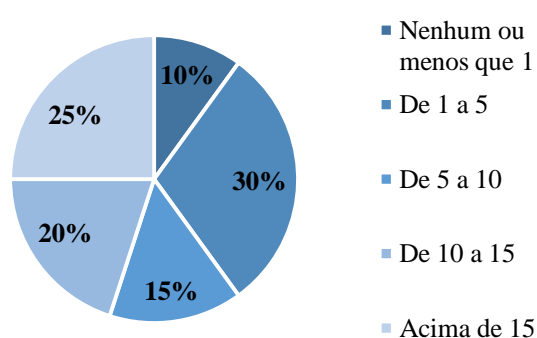
Ainda deve ser ressaltada a presença maior de estudantes da graduação que não praticavam atividades de investimentos até então, não podendo inferir se causado por falta de recursos, conhecimento, desinteresse, receio ou qualquer outro fator que não leve à prática em questão.

Gráfico 21 - Seus investimentos correspondem a soma de quantos salários? (Graduação)



Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 22 - Seus investimentos correspondem a soma de quantos salários? (Curso)



Fonte: elaborado pelo autor.

Como sugerido previamente quando relevada a ocupação, a situação financeira das práticas de investimento por parte de já trabalhadores formais se mostra muito mais avançada do que pelos estudantes e/ou estagiários representados majoritariamente na amostra colhida na graduação.

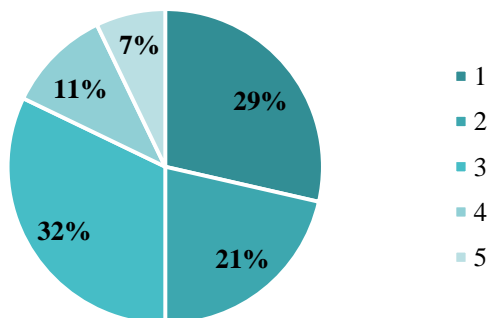
Nas categorias mais baixas de soma de salários, a presença de estudantes da graduação foi maior, sendo que, dentre os que não tem nada investido ou menos que um salário, estes apresentaram uma composição de 19% superior em relação aos estudantes do curso. A superioridade é maior na faixa de composição entre 1 e 5 salários, ainda que muito menor, de 2%. Já em relação aos estudantes do curso, a superioridade foi de maior significância nas faixas de 5 até 15 salários, sendo superior ainda acima de 15 salários, porém sob uma diferença menor.

4.3. Planejamento financeiro e perfil

Assim como se esperava de profissionais em emprego formal uma atividade financeira e reservas de maior expressividade, em termos de planejamento financeiro e perfil, espera-se um avanço maior dos estudantes sob especialização em relação ao planejamento financeiro de suas vidas pessoais e um entendimento mais alinhado das relações de risco e retorno junto ao perfil individual de exposição.

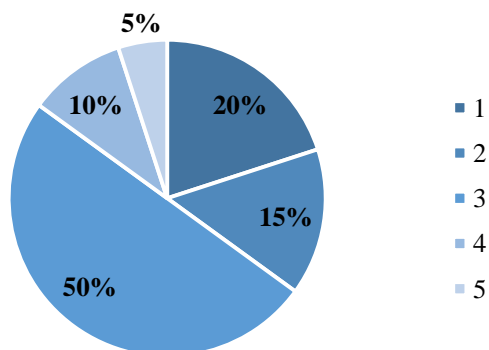
Além disso, procura-se um entendimento mais focado sob a ótica do longo prazo, dado que as populações aqui estudadas são jovens e, de acordo com a expectativa de vida, terão uma vida financeira mais longa e uma aposentadoria ainda mais longínqua.

Gráfico 23 - Em sua visão, qual seu nível de empenho em relação ao planejamento de sua aposentadoria? (Graduação)
(1 - Muito baixo / 5 - Muito alto)



Fonte: elaborado pelo autor.

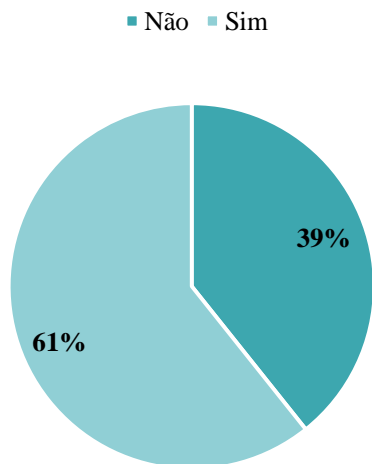
Gráfico 24 - Em sua visão, qual seu nível de empenho em relação ao planejamento de sua aposentadoria? (Curso)
(1 - Muito baixo / 5 - Muito alto)



Fonte: elaborado pelo autor.

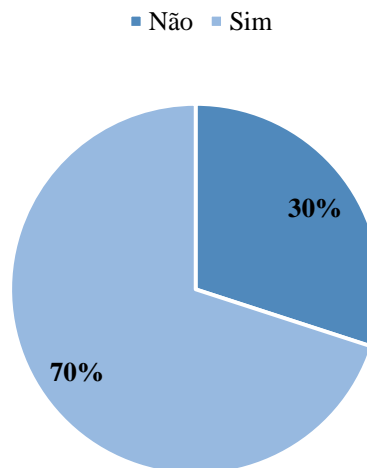
Em termos mais de planejamento de aposentadoria, poucos são os estudantes que estão mais avançados, nas categorias 4 e 5, tanto no âmbito da graduação quanto no curso de especialização, subentende-se que seja causado pela convergência de ambas amostras no que diz respeito à faixa etária. Contudo, o desequilíbrio se mostra favorável aos estudantes do curso na categoria de planejamento médio de aposentadoria, enquanto as faixas inferior e menos organizadas nesse quesito são de maior representatividade na graduação.

Gráfico 25 - Você possui alguma reserva financeira de emergência? (Graduação)



Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 26 - Você possui alguma reserva financeira de emergência? (Curso)

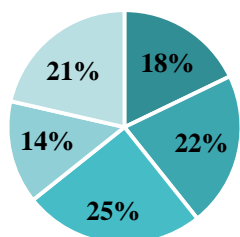


Fonte: elaborado pelo autor.

Em relação a alguma atividade mínima de poupança de recursos, ambas amostras se mostraram igualmente propensas a poupar alguma reserva de emergência, ainda que, como demonstrado pelas questões anteriores, tal reserva tende a variar de investidor para investidor, ou, de poupador para poupador. Nota-se uma leve acentuação para a amostra colhida dos estudantes do curso.

Gráfico 27 - Qual o percentual de sua renda mensal está comprometido, todos os meses, com investimentos? (Graduação)

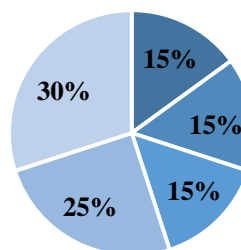
- Varia de mês para mês, não há um percentual fixo
- Nada
- 0 a 15%
- 15 a 30%
- Acima de 30%



Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 28 - Qual o percentual de sua renda mensal está comprometido, todos os meses, com investimentos? (Curso)

- Varia de mês para mês, não há um percentual fixo
- Nada
- 0 a 15%
- 16 a 30%
- Acima de 30%



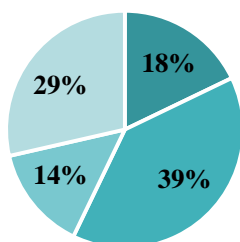
Fonte: elaborado pelo autor.

Novamente, assim como em relação ao planejamento da aposentadoria, os alunos do curso se mostraram superior no quesito de percentual alocado nos investimentos, contudo, ressalta-se aqui, mais uma vez, na amostra coletada na UFRJ, a presença de estudantes e/ou estagiários majoritariamente, sendo esses menos, ou sequer remunerados, enquanto no curso, se conta com uma faixa de trabalhadores mais extensa.

Tal situação é repassada ao gráfico seguinte, uma vez que esse retrata sobretudo o quadro de atividades realizadas mensalmente decorrentes da entrada de capital, divergindo ainda mais as amostras quanto às práticas.

Gráfico 29 - Você investe se: (Graduação)

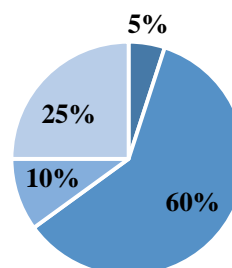
- Recebo algum valor de forma inesperada
- Realizo planejamento financeiro e invisto todos os meses
- Não invisto
- Nos meses em que gastou pouco, sobrou dinheiro para isto.



Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 30 - Você investe se: (Curso)

- Recebo algum valor de forma inesperada
- Realizo planejamento financeiro e invisto todos os meses
- Não invisto
- Nos meses em que gastou pouco, sobrou dinheiro para isto.

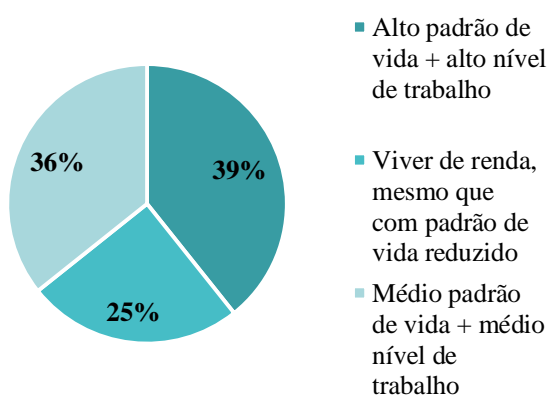


Fonte: elaborado pelo autor.

Notoriamente, com quase o dobro de representatividade, a amostra colhida no curso de especialização em finanças apresentou um resultado já esperado: a maior presença de agentes financeiros que realizam planejamento e investem mês a mês.

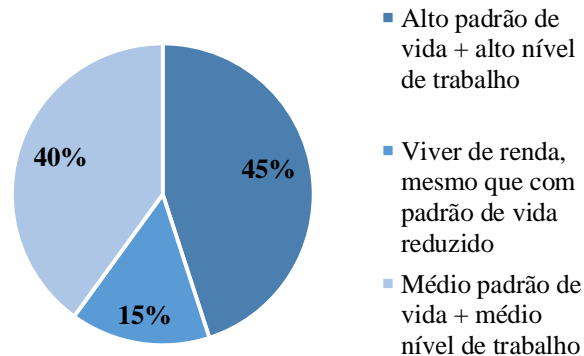
Sobretudo, como afirmado, tal situação pode ter sido potencializada pela questão de ocupação e emprego, permitindo um maior fluxo de entrada de renda e constante, dada as exigências e os direitos para com o trabalhador de carteira assinada.

Gráfico 31 - Qual das opções você escolheria para daqui há 30 anos: (Graduação)



Fonte: elaborado pelo autor.

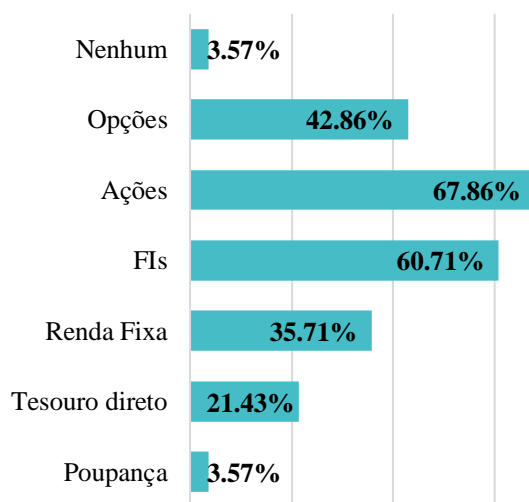
Gráfico 32 - Qual das opções você escolheria para daqui há 30 anos: (Curso)



Fonte: elaborado pelo autor.

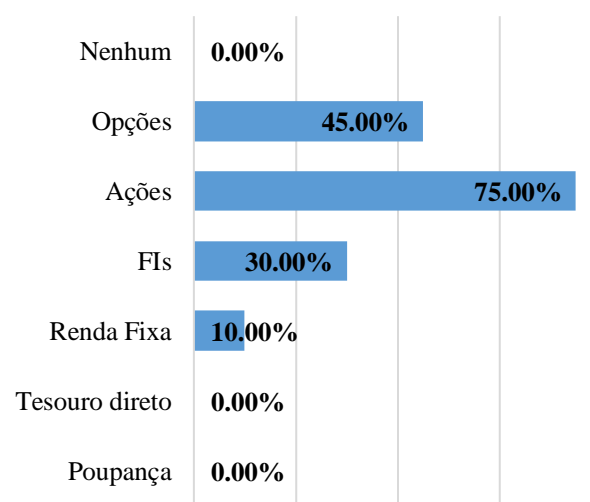
Enquanto na graduação obteve-se um resultado mais diverso no que diz respeito à expectativa de trabalho e fonte de receita financeira para daqui 30 anos, os estudantes do curso de especialização apresentaram uma maior divergência entre as categorias que indicavam a continuidade de trabalho, variando entre intensidade do trabalho e consumo, com maiores expectativas de dependência da renda futuramente, condizente a uma expectativa maior de consumo futuro.

Gráfico 33 - Sobre quais investimentos gostaria de ter mais conhecimento para começar a investir? (Graduação)



Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 34 - Sobre quais investimentos gostaria de ter mais conhecimento para começar a investir? (Curso)



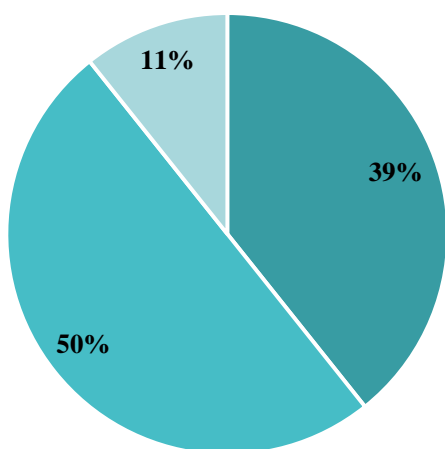
Fonte: elaborado pelo autor.

Uma vez que o curso de especialização conta com disciplinas iniciais focadas em setor público e a poupança é um dos produtos mais conhecidos e utilizados pelo brasileiro médio, era de se esperar que, nesse ambiente de amostra, o interesse sobre literacia financeira de tais modalidades já é mínimo, se não, nulo. Contudo, identificou-se um apelo maior às ações e opções, que apresentam um grau de complexidade técnica e informacional maior.

Na graduação, ainda há uma presença considerável de estudantes em busca do aprendizado em diversas modalidades, destacando-se 4: Opções; Ações; Fundos de investimento; E renda fixa. Tal levantamento evidencia uma falta de abordagem de disciplinas às tais áreas e modalidades, revelando assim um déficit educacional por parte da grade curricular no segmento financeiro.

Gráfico 35 - Como você avalia seu perfil?
(Graduação)

- Quero maximizar meu potencial de ganho mesmo estando exposto a cenários de rendimentos negativos
- Busco investimentos conservadores que me permitam algum ganho constante acima da inflação
- Aceito ganhos pontuais abaixo da inflação para buscar rendimentos maiores no longo prazo

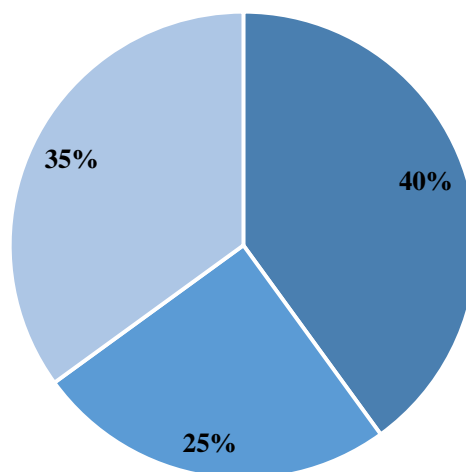


Fonte: elaborado pelo autor.

Por fim, a última variável observada, sob a ótica dos estudantes, foi qual é a principal guia de exposição destes para com o risco das operações, sem estar as modalidades devidamente associadas. Foi expressiva a diferença entre as noções de exposição para as diferentes amostras. Enquanto na amostra colhida no ambiente de acadêmico de graduação indicou metade da amostra procurando rendimentos equilibrados pela inflação, a amostra encontra no curso de especialização foi mais diversificada, mostrando um certo equilíbrio entre os agentes de risco moderado, baixo e alto, sendo crescente na respectiva ordem.

Gráfico 36 - Como você avalia seu perfil?
(Curso)

- Quero maximizar meu potencial de ganho mesmo estando exposto a cenários de rendimentos negativos
- Busco investimentos conservadores que me permitam algum ganho constante acima da inflação
- Aceito ganhos pontuais abaixo da inflação para buscar rendimentos maiores no longo prazo



Fonte: elaborado pelo autor.

5. CONCLUSÃO

O estudo que aqui se conclui permitiu que se fizesse uma análise do perfil, das atividades financeiras e entendimento dos estudantes de graduação e de um curso de especialização em finanças sobre segmentos cruciais da atividade financeira pessoal e corporativa, trazidas do âmbito do mercado financeiro para nossas vidas enquanto poupadores e alocadores de recursos.

Depois de descrito aspectos do Sistema Financeiro Nacional, procurou-se estabelecer relações descritivas de risco, exposição e retorno entre as principais modalidades financeiras do Brasil.

Ressalta-se a importância da abordagem quantitativa nos resultados observados, trazendo importantes constatações e resultados sobre o comportamento financeiro comum às amostras abordadas em questão.

O estudo procurou dar a devida importância ao sistema financeiro como um todo, traduzindo desde as organizações fundamentais para o funcionamento de uma economia e um mercado financeiro da forma mais eficiente, minimizando o risco operacional ao máximo, a fim de atrair fluidez e segurança ao sistema.

De acordo com a abordagem utilizada, buscou-se elaborar um panorama de geração de renda, de escolhas e opções de modalidades, de mentalidade, de sujeição à risco, de planejamento financeiro, entre outros fatores. A partir destes foram observadas já diferenças significativas de comportamento entre as amostras selecionadas, ainda que ambas se encontraram em faixas etárias muito similares.

Torna-se visível a aplicação prática da teoria indicada de Halfeld, relacionando a literacia com a atividade financeira. Além disso, como a própria justificativa indicava, o aumento de pessoas físicas encontrado na principal bolsa brasileira, a B3, também foi traduzido para a amostra. Enquanto outras pesquisas em ambientes universitários foram realizadas em um intervalo de até 5 anos passados, essa indica uma parcela muito menor de estudantes praticando o ato de poupar e o investimento.

A redução de tal número impressiona, uma vez que, em outros estudos, o número de estudantes que não praticavam atividade financeira alguma oscilava entre 20 e 35%, número muito superior ao encontrado em ambas amostras analisadas.

Deve-se ressaltar ainda que as amostras analisadas permitiram duas conclusões interessantes: Tanto os estudantes do curso que procuram se especializar têm mais confiança em seus conhecimentos, quanto eles têm maior chance de errar questões básicas. Tal relação é fundamentada teoricamente,

como previamente mencionado, através de Kahneman (2011), por meio de sua abordagem de vieses cognitivos do investidor.

Por fim, outro dado levantado interessante e bem conclusivo foi a necessidade de maior amplitude de modalidades na grade de matérias financeiras dos estudantes de graduação, pesado ainda pelo fato da amostra colhida apresentada ser composta majoritariamente por respondentes em períodos finais de graduação.

REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, A. **Mercado Financeiro**. 14. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIRO E DE CAPITAIS (Brasil). **Diretriz de Suitability**. 2019. Disponível em: <<https://www.anbima.com.br/data/files/23/33/A2/80/F71D3610214DEA36A9A80AC2/Diretriz-de-Suitability-20180622.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2019.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Remuneração dos Depósitos de Poupança**. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/estatisticas/remuneradepositospoupanca>>. Acesso em: 07 jun. 2019.

_____. **Taxas de juros básicas – Histórico**. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/controleinflacao/historicotaxasjuros>>. Acesso em: 07 jun. 2019.

BURCH, E. Earl & NENBY, Miltf R. *Opportunity and Incremental cost: attempt to define in systems terms: a commerry*. The Accounting Review, 49(1): 118-123, jan., p. 119.

BRASIL BOLSA BALCÃO. **Distribuição da participação de homens e mulheres no total de investidores pessoa física**. Disponível em: <http://www.b3.com.br/pt_br/market-data-e-indices/servicos-de-dados/market-data/consultas/mercado-a-vista/historico-pessoas-fisicas>. Acesso em: 20 out. 2019.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FREITAS, H. et al. **O método de pesquisa survey**. Revista da administração, v. 35, n. 3, p. 105-112, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JUNIOR, I. P. G.; SANTOS, A. C.; SOUZA, E. **Investimento Financeiro: Uma Análise do Perfil Investidor dos Universitários do Recôncavo da Bahia**. Revista de Gestão e Contabilidade da UFPI, Floriano, v. 2, n. 2, p.96-114, 28 set. 2014. Universidade Federal do Piauí.

HALFELD, M. **Investimentos: como administrar melhor seu dinheiro**. São Paulo: Fundamento Educacional, 2001.

HAUBERT, F. L. C. et al. **Finanças Comportamentais: uma investigação com base na teoria do prospecto e no perfil do investidor de estudantes de cursos stricto sensu portugueses**. Revista de Ciências da Administração, Florianópolis, v. 16, n. 38, p.183-195, 14 abr. 2014. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

KAHNEMAN, D. **Rápido e devagar: duas formas de pensar**. 22. ed. Rio de Janeiro: Schwarcz S.A., 2011.

KERR, R. **Mercado Financeiro e de Capitais**. 1. ed. São Paulo: Pearson, 2011.

LUQUET, M. **Guia valor econômico de finanças pessoais**. São Paulo: Globo, 2000.

OLIVEIRA, M. J. S. et al. Variação da taxa SELIC e a rentabilidade de fundos de investimentos referenciados: uma análise comparativa no período de 2013 a 2016. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, p. 1449-1463. jul. 2018. Disponível em: <<http://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/188>>. Acesso em: 02 set. 2019.

PORTAL BRASIL. **Glossário de investimentos**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2011/08/glossario-de-investimentos>>. Acesso em: 06 jun. 2019.

REILLY, F.; BROWN, K. C. *Investment analysis and portfolio management*. 7. ed. Ohio: Thomson Learning, 2003.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2007.

TORRES, I. A.; BARROS, F. S. **Investimentos financeiros**: uma análise dos alunos investidores de uma Instituição de ensino superior de Brasília – DF. *Universitas: Gestão e TI, Brasília*, v. 4, n. 1, p.39-53, 4 ago. 2014. Centro de Ensino Unificado de Brasília. <http://dx.doi.org/10.5102/un.gti.v4i1.2804>.